

# O olhar selvagem

Radmila Zygouris

Uma história quase sem palavras, um medo esmagador, a irritação surda da analista, um colar misterioso, uma estátua no consultório... Elementos para uma análise? Vejamos...

*"A cada instante, um 'acaso' modifica, e uma lembrança encadeia."*

Paul Valéry

**P**assei quatro anos sob alta vigilância. Duas vezes por semana, com hora marcada, ela vinha e me impedia de me mover, de falar, de pensar. Um dia, eu me revoltei. Gostaria de contar o momento dessa revolta e suas conseqüências. Nesse texto, "Eu" é uma psicanalista, "ela" uma paciente, a história um fragmento de tratamento. O "parti pris" de não fazer comentários científicos exige essa explicação mas, na verdade, eu e ela não fomos sempre tão nitidamente distintas quanto seria necessário segundo a lógica da narração. Embora o Grande Costume do Ocidente exija que cada protagonista de uma história seja o único sujeito de sua enunciação, há histórias onde um diz o

que o outro não pode proferir, e até mesmo algo que um terceiro, não nomeado e ausente, o faz dizer ou fazer. Confio na sagacidade do leitor para efetuar as permutações necessárias, sem lhe infligir as costumeiras excursões teóricas, produtos perecíveis que têm o dom de envelhecer mais depressa do que as histórias que pretendem esclarecer.

Quando me pediram para escrever uma história clínica, foi sua imagem que se apresentou de imediato.

Radmila Zygouris é psicanalista na França, Membro dos "Ateliers de Psychanalyse". Este artigo foi originalmente publicado na revista *Chimère*, nº 14, inverno 91/92. Tradução: Izidinha Baptista Nogueira e Renato Mezan.

Não sei por que. Por muito tempo, não havia mais pensado nela. Mais de dez anos após o fim dessa análise, resta-me a lembrança de um filme mudo. Certas imagens dela, de suas roupas, de seus gestos hesitantes, de minha imobilidade. Uma espécie de memória visual boba, crua, novelo de lembranças que vou tentar desenrolar com minhas palavras de agora.

O que me surpreende é a proliferação de imagens e a raridade do verbo. Retomo minhas notas da época. São pobres e confirmam minha memória atual: poucas transcrições de frases ditas, mais a descrição de coisas vistas, de situações vividas, e algumas reflexões sobre meu mal-estar. Filme mudo.

Naturais ou cultivadas, essas pérolas me inspiravam pensamentos parasitas, que me deixavam perplexa.

No entanto, ela falava. No entanto, tínhamos seguido escrupulosamente o ritual da época. Após algumas "entrevistas" preliminares, ela se deitou no divã. Sem dúvida, ela se deitou um pouco rápido demais; sem dúvida, aliviava-me não estar exposta a seu olhar inquieto, talvez até inquisidor. Eu queria sobretudo escutar, não ser mais vigiada, não olhar mais. Nada mudou por ela estar deitada. A não ser que ela se pôs a escutar, e a espiar com o ouvido, o menor de meus movimentos. Se eu me inclinasse alguns centímetros em direção ao divã, ela parava de respirar, tomada de pânico. Dizia: "*Tenho medo, você está muito próxima.*" Se eu me inclinasse

se um pouco para o outro lado, também era demais: "*Eu a sinto tão longe, estou tão sozinha, não tem ninguém aqui, tenho medo.*" Eu devia ficar reta, nem muito perto, nem muito longe - questão de centímetros - imóvel, como uma estátua. Seu pânico, se eu não obedecesse imediatamente, era imenso. Tudo lhe dava medo, um medo de cortar a respiração. O menor barulho a fazia sobressaltar, a menor mudança no espaço do meu consultório a inquietava e a mergulhava num silêncio pesado. À menor mudança, o seu universo oscilava. Tudo se tornava, sempre de novo, estranho. A ameaça era onipresente, contagiosa. Nada em particular lhe dava

medo, mas tudo, a qualquer momento, podia despertar este medo que ela dizia antigo.

Ela tinha vivido assim até os 35 anos. Fazia esforços cotidianos, às vezes hora a hora, para viver normalmente apesar disto; mas aqui, em minha presença, concentrados sobre meu espaço, seus esforços se multiplicavam. No entanto, sua escolaridade havia sido normal, ela havia feito estudos, havia se casado, tivera dois filhos. Eu me perguntava como ela pudera fazer tudo isso com tanta angústia.

Quando os filhos cresceram e começaram a sair sozinhos, seu medo aumentou mais ainda. Mas não era um medo particular de que

lhes acontecesse alguma coisa. Era seu medo, o de sempre, porém mais forte. Tomava então medicamentos, sem outro resultado que ficar dopada. Mais abaixo o medo continuava. Há muito tempo ela tinha pensado na análise, mas não tinha ousado falar disso a seu marido. Foi ele que, finalmente - não aguentando mais vê-la tão mal - terminou por sugerir-la.

Desde nosso primeiro encontro, tive a impressão de que ela estava fantasiada. Fantasiada como pequena senhora bem comportada, vestida como convidada eterna para um jantar na casa do vice-delegado. Era curioso a que ponto sua aparência, no entanto discreta e insignificante, tinha o dom de me irritar. E mais particularmente, desde nossa primeira entrevista, o colar de pérolas que ela usava sempre. Naturais ou cultivadas, essas pérolas me inspiravam a cada vez pensamentos parasitas que me deixavam perplexa. E quanto mais o tempo passava, mais eu me fixava neste pobre colar, que simbolizava a meus olhos toda a sua infelicidade, sem que eu pudesse me explicar em nada esta impressão. A cada encontro, subia em mim uma onda de intolerância, e frases estúpidas me vinham ao espírito, assim como: "*Quando você não usar mais essas infames perolotas, as coisas melhorarão para você, minha filha!*" Ou então: "*Ainda vou arrancá-las de você!*" Eu não dizia palavra, claro, de meus impulsos, mas eles me consternavam. Pequeno delírio íntimo, induzido pelo mais insignificante dos objetos. Eu ansiava pelo dia em que ela viria sem. Ela vinha sempre com. Isso me irritava; eu me achava bem louca. Ela própria não o mencionava nunca. Ele fazia parte de seu traje habitual, como a aliança ou um outro anel. Certamente, na vida comum, eu às vezes fazia alguma coisa em relação a esses emblemas burgueses que são os famosos colares de pérolas; a essas insígnias da feminilidade bem conveniente. Mas daí a me irritar a esse ponto, e com tama-

nha veemência? Muitas outras pacientes se apresentavam no consultório com esse tipo de colar - jóia, em suma, bastante comum - sem que isso me incomodasse. *Nela*, eu não suportava... Assim que ela entrava, eu só via o colar.

Minha irritação silenciosa, suas injunções para que eu permanecesse imóvel, sua vigilância de todo o meu espaço, me impediam de pensar e me tornavam totalmente ineficaz... Era como se eu estivesse presa numa armadilha, da qual não sabia como sair. As idéias me faltavam, amargamente. Mas eu tinha uma, e me agarrava a ela.

Há muito tempo os pensamentos parasitas me fascinam. Sei que

Ela vinha regularmente às sessões. Narrava seus dias, suas lembranças..., quando minhas posturas lhe pareciam dóceis o suficiente para que o medo não a submergisse. Mas também aí, nada retinha minha atenção, nada se deixava agarrar. No entanto, sua infância estava presente. Eu não desconfiava a que ponto. Sua infância se resumia a algumas cenas. Sempre as mesmas. Sua mãe saía para trabalhar, voltava tarde. Ela ficava muitas vezes sozinha. Quando pequena, fora cuidada por uma babá de quem gostava. Sem mais.

O pai só aparecia verdadeiramente nas suas lembranças a partir dos seis anos. Atingido então por

Formo esse relato a partir de imagens que me ficaram dela criança. Ela contava isso "*en passant*". Contava tudo "*en passant*". O medo já estava lá quando era pequena; desde sempre estivera lá, dizia ela. Não tinha lembranças sem o medo.

Adolescente, ela acabou por colocar a palavra "*medo*" neste sentimento assustador que a torturava. Ela dizia "*medo*", não "*angústia*". Medo de ser observada, medo de fazer barulho. Medo de seu pai; mas ele não era assustador, era somente doente. Seus pais eram bons pais, dizia ela também. Não se queixava. Não lhes falava de seu medo, não podia, era muito estranho. Era muito sem razão.

Um acontecimento a marcou neste período de sua infância: uma noite seu pai grita, a mãe se agita, chama uma vizinha, uma ambulância vem, e o leva. Ela vê seu pai partir e vê que ele está chorando. Nenhuma palavra é trocada. Ele morreu pouco depois, sem que ela o tivesse visto. Com essa lembrança ela se emociona. É a única vez. Nas minhas notas escrevi: "*Enfim uma verdadeira sessão.*" Para mim, era então necessário dor fresca? Ela contava outras cenas. Eram sempre cenas mudas. Descrições. Nos seus relatos, os protagonistas não são dotados da palavra.

Sua vida atual é regrada como um pentagrama. Sem música. Ela faz tudo o melhor possível, quer dizer bem. Seu marido é bom marido. Ora, ele é engenheiro... Ela acredita que ele a ama. Ele também acredita que a ama. Só eu desconfio. Não me enganava. Mas bico. Ela não sabe muito se o ama. Opa! uma esperança, pensava eu... Em vão. Esta pista não leva a nada. Eu sou uma ingênua. É incrível, as besteiras que se pode calar. O dogma tinha algo bom... Ela se preocupa com seus filhos, teme por eles. Na realidade, teme por ela mesma, perante eles, e sobretudo perante sua filha. Não sabe por que.

## Ela acabou por colocar a palavra "medo" neste sentimento assustador que a torturava.

não se deve expulsá-los muito rápido. Eles são a "*chamada*" da razão dos sonhos, estranhos à razão do dia. Eu sei, e já o pressentia na época, que se trata de cruzamentos onde pisca um saber de uma outra espécie, aquele que só se aprende de si mesmo. Os pensamentos parasitas contam a *outra história*, aquela que eu não posso ou não devo conhecer.

Mas, contrariamente a outras vezes, onde de modo mais ou menos rápido eu acabava por ligá-los à face diurna das coisas, neste caso preciso não conseguia emendá-los ao que quer que fosse. Terminei por aceitá-los como se aceita uma gripe. Não tinha escolha.

uma "*doença*" (não nomeada), ele vivia deitado o dia inteiro e lhe era proibido ir vê-lo no seu quarto. Ficava fechada no quarto ao lado, às vezes em companhia da mulher que cuidava dela, mais tarde sozinha; não devia fazer barulho; seu pai não devia saber que ela estava presente. Ela ignorava por que; movimentava-se pouco; brincava em silêncio.

Não se lembrava nem de ter sido feliz, nem de ter sido infeliz; não se lembrava de nenhum sentimento. Tinha sido boa aluna, mas na verdade não tinha tido amigas. Nunca acontecia nada que merecesse ser contado. Todos os dias eram iguais.

Pensa que deve se tratar da morte. Eu também penso, se isso pode se chamar pensar! Ela sabe que deveria - pela lógica - morrer antes de sua filha. Não é a morte que ela recusa, mas não sabe o que legar à sua filha. No entanto, é necessário transmitir alguma coisa... Ela ruma sobre o pouco que poderá transmitir. Ela prefere quando o pai cuida dos filhos.

Então, ela é apenas a filha de seus pais. O que já é bastante difícil. Estranhamente, não se queixa de nada. De tempos em tempos, fala com uma voz infantil: "*Eu tenho vontade de morrer.*" É difícil de acreditar. Tudo é tão opaco que até o sofrimento não desponta mais. En-

despertos eram devidos à violência de sua vigilância. Um verdadeiro mirador, essa mulher! Quando ela me lembrava meus "*desvios*" de conduta, sua voz, embora angustiada, se tornava cortante. Mas, enfim, aí ela falava, ela me falava verdadeiramente. Eram momentos muito breves. Eu tinha muito medo de provocá-la. Era melhor se anestesiá-la. Estranhamente, eu não a detestava. Teria sido possível. Ela me infligia a impotência, a imobilidade, o medo. E, no entanto, ela não existia suficientemente para que eu a detestasse. É horrível confessar isso, mas a verdade obriga. Exceto esses momentos, esses chamados à imobilidade, repetitivos, mas breves

assim sua forma de infelicidade.

Um dia, percebi que começava a me habituar à sua forma de infelicidade. Eu sabia, no entanto, que este hábito era nefasto. Que o hábito para um psicanalista é sempre nefasto. Que é assim que se resiste da melhor maneira às mudanças possíveis. Esse saber não me ajudava em nada. Para me mexer, para sair disso, para tirá-la dessa. Eu estava adaptada como ela ao medo ambiente. A sobrevivência nunca é fulgurante.

Ao final de quatro anos tínhamos atingido o fundo do poço. Mesmo aqui, para escrever, tenho a impressão de rabiscar para dizer o que não foi pensado, nem sonhado.

Sacrifico ao Grande Costume que exige palavras para tudo.

Eu conhecia bem - acreditava - sua genealogia, sua vida cotidiana. Seus fantasmas, seus sonhos, eram quase inexistentes. Às vezes, somente devaneios diurnos a levavam a imaginar o momento de sua morte ou da morte de sua mãe. Sem afetividade, apenas como uma curiosidade sem gozo particular. Uma mulher, ela ou sua mãe, estava deitada, a ponto de morrer, e depois isso parava aí.

Durante todo esse tempo, seu colar me irritava. Eu tinha tomado meu partido. O tempo passava, e nada acontecia.

Durante as férias de verão que ocorreram após o quarto ano de sua análise, um amigo que devia deixar a França por um longo período me confiou uma estátua valiosa, que não queria deixar no seu apartamento desocupado. Coloquei-a num canto de meu consultório. Ela era bastante grande e bela. Podia ser vista quando se entrava, mas era invisível do divã. Quando voltei a trabalhar, alguns pacientes a notaram; outros, se a viram, não fizeram comentário algum.

Quando ela voltou, deitou-se e não disse nada. Um longo momento passou, depois a tortura recomeçou: "*Há qualquer coisa que mudou*

Manifestamente, o "caso" acontecia em outro lugar, e não naquilo que ela me dava para ouvir.

tretanto, eu acredito nela, sem me comover de fato. Como se tudo me viesse de muito longe. Ela tinha delimitado meu lugar em termos de milímetros, e eu a achava longe! Encarregava-se de maneira eficaz das questões corriqueiras. Sua vida inteira era uma questão corriqueira. Era bem este o drama, no fundo, sem histórias. Mas havia sua análise. Ela acreditava nisso. Dava muita importância. Ela esperava tudo dela. Eu me sentia nula. Mas também acreditava. À espera de um milagre, em suma. Quando ficava sozinha após sua saída, perguntava-me como alguma coisa podia mudar. Sentia que estávamos presas na mesma cena. Os únicos momentos

como os apitos de um carcereiro, o tempo era ocupado por relatos insignificantes. Pode-se sempre tentar fabricar significantes artificialmente - o que já na época não era o meu gênero; mas verdadeiramente, mesmo para meu conforto, mesmo para blefar, ela não dava matéria para... cortar; o fôlego faltava imediatamente.

Ela utilizava as palavras como que para não falar, apenas para ser conveniente. Não se fazer notar. Manifestamente, o "*caso*" acontecia em outro lugar e não naquilo que ela me dava para ouvir. Eu me tornava cada vez mais estúpida. Mas ela tinha o grande poder de me arrastar na sua cena. Eu sabia que ela me passava

aqui. Há uma grande massa negra. Tenho medo. Nunca mais poderei ter confiança. Nunca mais poderei estar tranqüila. Como falar ou até pensar quando existe isso?"

De repente, não aguentei mais. Não aguentava mais minha imobilidade, sua vigilância, seus medos, minha falta de liberdade. Levantei, aproximei-me do divã, peguei a mão dela, a fiz se levantar, e, segurando ainda sua mão, levei-a até a estátua. E aí falei. Falei muito. Falei da estátua, disse que ela não era malévola; que nós não podíamos mais permanecer assim; que eu não queria mais ficar imóvel... Depois, me sentei. Ela não tornou a se deitar; ficou sen-

co. Quando cheguei em casa, estava um pouco mais calma, estava bem, mas percebi que tinha perdido meu colar. Ele deve ter se soltado durante a corrida. Para mim tanto faz, talvez seja preciso perder alguma coisa para que algo mude verdadeiramente. Tenho a impressão de despertar..."

Eu fiquei atônita e radiante. Eis, enfim, o colar nomeado, e nomeado em sua falta. Em suma, meu desejo estava realizado.

Nesse ponto do relato, devo acrescentar uma informação suplementar. Esta análise foi feita em espanhol. Um colega me tinha enviado essa paciente porque eu falo essa língua, e o espanhol era sua

colar. Perguntei de onde ele vinha. Para minha grande surpresa, ela me disse que não sabia. Que o tinha desde sempre. Desde sua mais tenra infância, ele estava jogado no meio de suas coisas. Foi seu marido que um dia o havia notado, e lhe falara do seu valor. Então, ela começara a usá-lo. Não se lembrava como ele tinha ido parar em suas mãos; falando, espantava-se com sua própria falta de curiosidade. Usava-o mecanicamente. Mas agora ela tinha um outro motivo para visitar a sua mãe além do dever.

Após esta visita, ela me contou que sua mãe tinha feito uma cara horrível quando ela lhe perguntara de onde vinha o colar. A mãe se limitou a dizer que ele lhe pertencera, mas que ela não gostava dele porque lhe trazia uma lembrança desagradável; que o pusera entre os pertences de sua filha para não mais o ver; que sabia que era um objeto bonito e que ele ficaria bem na sua filha; que, para sua filha, era apenas um colar, nenhuma lembrança a ligava a ele. E não desejava falar mais. Considerava que suas lembranças lhe pertenciam; que isso não era da conta de ninguém; que sua filha devia se contentar em ter tido um belo colar, mas que ela ficava mesmo assim triste por ele ter sido perdido. Era tudo. Não houve meio de lhe arrancar outras informações. A mãe parecia muito zangada por precisar falar disso.

Pela primeira vez ela mostrou um afeto ao falar da mãe. Disse: "Es una hija de puta" (É uma filha da puta). Esta grosseria era inteiramente inabitual. Eu me disse que ela nomeava, mesmo assim, sua mãe enquanto filha. Eu pensava - pensava, enfim - em sua avó materna. A avó havia morrido quando ela era pequenina. Não se lembrava dela. Sabia que era uma mulher simples que tinha passado sua vida a fazer faxina e a criar seus filhos. Viera para a França jovem, porque na Espanha não podia ganhar a vida. Tudo isso eu já sabia. Era inútil

"Talvez seja preciso perder alguma coisa para que algo mude verdadeiramente..."

tada também, os braços pendentes, como que esgotada. Mas sorria, o que era novo. E aí acabou a sessão.

Eu temia um pouco a sessão seguinte, mas era tarde demais para me arrepender. Eu não tinha feito "de propósito", como dizem as crianças. E além disso eu não estava de fato arrependida.

Ela chegou um pouco agitada, deitou-se e começou a falar imediatamente com uma grande vivacidade.

"A última vez, quando eu saí daqui, eu estava num estado estranho. Tinha vontade de gritar, de correr. Corri até a estação de metrô, mas isso não bastou, eu corri até a estação seguinte, e até a seguinte, talvez eu tenha até gritado um pou-

língua materna. Seus dois pais eram hispanófonos, apesar de sua mãe ter nascido na França e de seu pai ter chegado muito jovem. Ela quisera fazer sua análise na língua que sempre havia falado na casa dos pais. Seus próprios filhos, mesmo tendo estado na Espanha só para férias curtas, a falavam muito bem.

No momento em que disse que havia perdido seu colar, sua língua tropeçou. Em espanhol "colar" se diz collar. Mas ela dissera: "He perdido mi callar." E "callar" significa "calar-se". Ela tinha dito, assim, que perdera seu silêncio. Textualmente: "Eu perdi meu calar."

De repente, também eu podia parar de me calar com relação ao

querer instigá-la a interrogar mais sua mãe: ela dizia que era impossível, que isso a faria morrer.

Aliás, ela começava a se sentir muito melhor. Já não estava mais inteiramente tomada pelas coisas corriqueiras. Começava a tomar tempo para si mesma. O medo era menos intenso. Era bem mais o temor de que ele eventualmente retornasse que a preocupava em alguns momentos.

Ela se pôs então a desenhar, depois a pintar. Desde sempre ela gostara de pintar, mas não tinha tido a disponibilidade para fazê-lo. Continuava a ver sua mãe por obrigação, mas agora uma idéia a tranquilizava: ela sabia que acontecera

não ter jamais ousado abrir a porta enquanto ele estava deitado, doente, no quarto ao lado. Saindo de meu consultório, às vezes ela dizia "até logo" para a estátua.

A pintura se tornava cada vez mais importante. E depois foi preciso se decidir. Seus filhos cresciam; ter um bom marido pode ser cansativo quando a gente se deixou escolher. Ela deixou seu marido. Não sem sofrimento: ele não tinha jamais imaginado que ela pudesse fazer coisa semelhante. Ele opôs uma resistência vigorosa à separação, mas ela não tinha medo. Não tinha mais desejo de morrer, mas disse: "*Eu vou morrer um dia, é preciso que eu me apresse a viver. O tempo me é contado.*"

filhos vinham vê-la freqüentemente, mas viviam na França com seu pai. Isso lhe convinha perfeitamente. Esse dia, ela me falou em francês. A separação tinha acontecido. Ela queria me rever para me contar o que restava a dizer. Sua mãe havia falecido; mas, durante a doença que precedera sua morte, ela lhe contara a história do colar.

A avó - ou seja, a mãe de sua mãe - trabalhara muito jovem como empregada numa rica família na Espanha. Era trabalhadora, honesta, e gozava da confiança de seus patrões. Um dia, aconteceu algo estranho. Ela teve um gesto impossível de controlar. Sob um impulso violento, se apossara de todas as jóias de sua patroa.

Não queria usá-las nem vendê-las, só sabia uma coisa: elas lhe agradavam porque eram bonitas de ver. Brilhavam. Era só para as olhar que ela as havia pego. Elas brilhavam diante dos olhos, e a jovem não queria se separar delas.

O roubo fora descoberto muito rapidamente e, amedrontada, ela se acusara. Entregara todas as jóias, exceto o colar de pérolas, que ela guardara, escondendo-o, porque lhe agradava muito. Pelo colar, ela tinha mentido. Mas não acreditaram nela, e sob ameaça de prisão, prometera restituir seu valor. Fizera uma dívida e pagara uma imensa quantia em dinheiro. Foi por isso que ela deixou a Espanha, por causa do medo que soubessem; mas sobretudo porque na França se ganhava mais facilmente dinheiro, o que lhe permitira, ao fim de vários anos, reembolsar a dívida. Em torno dela, ninguém soubera disso. A família que a tinha empregado não tinha finalmente dado queixa, na condição de que ela reembolsasse o colar de pérolas.

Já muito velha, antes de morrer, ela havia contado a história à sua filha, dando a esta o colar, fazendo-a prometer guardar segredo e de só contar à sua filha quando sentisse chegar a morte.

**E**u vou morrer um dia,  
é preciso que eu me apresse a viver.  
O tempo me é contado."

alguma coisa na vida de sua mãe. Sentia um pouco de compaixão por ela. Um dia, em sonho, ela a viu morta com o colar no pescoço; mas ficou por aí, cada vez mais convencida que não devia forçar sua mãe a falar, pois a morte poderia ser o preço a pagar por isso.

Eu tinha recuperado minha liberdade. Ela não me vigiava mais. Queixava-se cada vez mais de sua vida atual; de seu marido, de seu trabalho. Estava menos impecável no trajar; vinha de jeans. Às vezes, faltava a uma sessão; era para ter mais tempo para si, para pintar. O mundo permanecia silencioso, mas ganhava cores. Ela evocava o sofrimento de seu pai, arrendia-se de

Um dia, muito tranquilamente, ela me anunciou que ela estava concluindo sua análise. "*Eu gosto de você, mas você faz parte de meu passado. É preciso que eu a perca, como o colar, para poder correr livre.*"

Ela me enviou cartões postais do mundo inteiro. Eu soube assim que ela se pusera a viajar. Os cartões se espaçaram, depois cessaram. Fiquei sem notícias durante muitos anos.

Um dia recebi um telefonema: pediu para vir me ver. Quando ela entrou, mal a reconheci. Ela tinha mudado muito. Contou-me que estava morando na Espanha. Tornara-se pintora. Fazia traduções para ganhar um pouco de dinheiro. Seus